

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE FILOSOFIA

JOSÉ CARLOS ANDRADE MENDES FILHO

**CUIDADO E RESPONSABILIDADE: UMA REFLEXÃO ÉTICA E
POLÍTICA EM LEONARDO BOFF**

São Luís - MA

2025

JOSÉ CARLOS ANDRADE MENDES FILHO

**CUIDADO E RESPONSABILIDADE: UMA REFLEXÃO ÉTICA E
POLÍTICA EM LEONARDO BOFF**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de Filosofia da Universidade Federal
do Maranhão como componente obrigatório
para conclusão de curso.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Olília Serra

São Luís - MA

2025

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Andrade, José Carlos.

Cuidado e Responsabilidade: uma reflexão ética e política em Leonardo Boff / José Carlos Andrade. - 2025. 44 f.

Orientador(a): Maria Olilia Serra.

Monografia (Graduação) - Curso de Filosofia, Universidade Federal do Maranhão, Universidade Federal do Maranhão, 2025.

1. Ética do Cuidado. 2. Responsabilidade Social. 3. Sustentabilidade. 4. Educação Transformadora. 5. Solidariedade. I. Serra, Maria Olilia. II. Título.

JOSÉ CARLOS ANDRADE MENDES FILHO

**CUIDADO E RESPONSABILIDADE: UMA REFLEXÃO ÉTICA E
POLÍTICA EM LEONARDO BOFF**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de Filosofia da Universidade Federal
do Maranhão como componente obrigatório
para conclusão de curso.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Olívia Serra

Aprovado em ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Maria Olívia Serra (Orientadora)

Doutora em Filosofia

Docente da UFMA - Universidade Federal do Maranhão

Prof. Dr.

Doutor em

Docente da UFMA - Universidade Federal do Maranhão

Prof. Dr.

Doutor em

Docente da UFMA - Universidade Federal do Maranhão

Dedico primeiramente esse trabalho a
Deus.

AGRADECIMENTOS

Ao concluir esta jornada de reflexão e escrita, que culminou na elaboração desta monografia, sinto-me profundamente grato a todas as pessoas e instituições que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização deste trabalho.

Em primeiro lugar, expresso minha sincera gratidão a orientadora Profa. Dra. Maria Olília Serra, cuja sabedoria, paciência e rigor intelectual foram fundamentais para nortear minhas inquietações filosóficas. Suas críticas construtivas, sugestões de leitura e disponibilidade para diálogo não apenas enriqueceram este texto, mas também me ensinaram a importância da clareza, da humildade intelectual e da perseverança diante dos desafios acadêmicos.

Agradeço igualmente aos(às) professores(as) do curso de Filosofia da Universidade Federal do Maranhão, cujas aulas, orientações e debates em sala despertaram em mim o amor pelo pensamento crítico e a coragem de explorar questões complexas. Cada disciplina, cada leitura e cada conversa contribuíram para ampliar meus horizontes e consolidar minha paixão pela investigação filosófica.

À minha família, em especial aos meus pais, dedico meu reconhecimento pelo apoio incondicional, compreensão e incentivo durante os momentos de dedicação exclusiva a este projeto. Vocês me lembraram, mesmo indiretamente, que a filosofia não se faz apenas com livros, mas também com afeto e humanidade.

Aos(às) amigos(as) e colegas de estudo, que compartilharam dúvidas, insights e até mesmo silêncios reflexivos, meu muito obrigado(a). Nossas discussões informais, muitas vezes à luz de um café ou em encontros virtuais, foram fontes de inspiração e alívio nos momentos de maior densidade teórica.

Por fim, reconheço que todo trabalho acadêmico é, em alguma medida, coletivo. Mesmo em sua singularidade, esta monografia carrega em suas páginas as vozes de todos que, de alguma forma, me ajudaram a compreender que a filosofia não é apenas uma disciplina, mas um exercício contínuo de busca pela verdade, ética e sentido.

Que este texto, embora imperfeito, possa honrar as contribuições recebidas e inspirar novas perguntas, assim como tantas outras obras fizeram por mim.

"A educação é o ponto em que decidimos se amamos o mundo o bastante para assumirmos a responsabilidade por ele."

(Hannah Arendt)

RESUMO

A presente pesquisa tem como objetivo investigar a ética do cuidado e da responsabilidade na obra de Leonardo Boff, destacando seus pressupostos filosóficos e suas implicações teóricas e práticas no contexto educacional, social e ambiental. Fundamentado em uma abordagem teórico-bibliográfica, o estudo analisa as obras *Saber Cuidar* e *O Cuidado Necessário*, além de dialogar com pensadores como Martin Heidegger e Hans Jonas, cujas reflexões sobre cuidado e responsabilidade oferecem suporte filosófico à proposta de Boff. A ética do cuidado, conforme delineada por Boff, transcende a esfera individual e se apresenta como uma necessidade coletiva para enfrentar desafios contemporâneos como a degradação ambiental, a desigualdade social e a exclusão. Seu modelo baseia-se em três princípios fundamentais: o cuidado de si, que envolve o desenvolvimento da autoestima e da autorresponsabilidade; o cuidado do outro, pautado pela empatia, solidariedade e compaixão; e o cuidado com o planeta, que requer uma postura ética e sustentável diante da natureza. Para Boff, esses princípios são interdependentes e essenciais para a construção de um mundo mais justo e equilibrado. Nesse contexto, a educação desempenha um papel fundamental na formação de uma consciência ética orientada pelo cuidado e pela responsabilidade. Através da reflexão filosófica, a educação pode estimular o pensamento crítico e promover valores como fraternidade e respeito mútuo, contribuindo para uma mudança de paradigma nas relações humanas e ambientais. A pesquisa se justifica, portanto, pelo interesse em compreender como esses princípios podem ser aplicados na prática pedagógica, buscando soluções concretas para os desafios éticos atuais. A estrutura do trabalho organiza-se em quatro seções: a introdução, que apresenta a relevância da pesquisa; a metodologia, que detalha a abordagem teórico-bibliográfica; a discussão sobre os pressupostos filosóficos do cuidado e o papel da educação nesse contexto; e, por fim, uma análise sobre a contribuição dos conceitos de Boff para uma ética do cuidado aplicada à educação. A pesquisa conclui que a ética do cuidado e da responsabilidade, ao ser incorporada no âmbito educacional, pode atuar como um agente transformador das relações sociais e ambientais, promovendo um mundo mais ético e sustentável.

Palavras-chave: Ética do Cuidado; Responsabilidade Social; Sustentabilidade; Educação Transformadora; Solidariedade.

ABSTRACT

The present research aims to investigate the ethics of care and responsibility in the work of Leonardo Boff, highlighting its philosophical assumptions and its theoretical and practical implications in educational, social, and environmental contexts. Based on a theoretical-bibliographic approach, the study analyzes the works *Knowing How to Care* and *The Necessary Care*, while also engaging in dialogue with thinkers such as Martin Heidegger and Hans Jonas, whose reflections on care and responsibility provide philosophical support for Boff's proposal. The ethics of care, as outlined by Boff, transcends the individual sphere and emerges as a collective necessity to address contemporary challenges such as environmental degradation, social inequality, and exclusion. His model is based on three fundamental principles: self-care, which involves the development of self-esteem and self-responsibility; care for others, grounded in empathy, solidarity, and compassion; and care for the planet, which requires an ethical and sustainable stance toward nature. For Boff, these principles are interdependent and essential for building a more just and balanced world. In this context, education plays a fundamental role in shaping an ethical awareness guided by care and responsibility. Through philosophical reflection, education can stimulate critical thinking and promote values such as fraternity and mutual respect, contributing to a paradigm shift in human and environmental relationships. The research is therefore justified by the interest in understanding how these principles can be applied in pedagogical practice, seeking concrete solutions to current ethical challenges. The structure of the study is organized into four sections: the introduction, which presents the relevance of the research; the methodology, detailing the theoretical-bibliographic approach; the discussion on the philosophical assumptions of care and the role of education in this context; and finally, an analysis of Boff's contributions to an ethics of care applied to education. The research concludes that the ethics of care and responsibility, when incorporated into the educational sphere, can act as a transformative agent of social and environmental relationships, fostering a more ethical and sustainable world.

Keywords: Ethics of Care; Social Responsibility; Sustainability; Transformative Education; Solidarity.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 METODOLOGIA DA PESQUISA	14
3 DESENVOLVIMENTO TEÓRICO.....	15
3.1 PRESSUPOSTOS FILOSÓFICOS DO CUIDADO.....	15
3.1.1 <i>A fábula de Higino e a pergunta pelo sentido e responsabilidade pela vida</i>	<i>15</i>
3.1.2 <i>O cuidado em Heidegger</i>	<i>18</i>
3.1.3 <i>A responsabilidade em Hans Jonas.....</i>	<i>22</i>
3.2 O PAPEL DA EDUCAÇÃO NA CONCRETIZAÇÃO DO CUIDADO.....	25
3.2.1 <i>Educação e Cuidado.....</i>	<i>25</i>
3.2.2 <i>Cultivar uma ética do cuidado</i>	<i>31</i>
3.2.3 <i>Filosofia, educação e cuidado.....</i>	<i>38</i>
4 CONCLUSÃO	42
REFERÊNCIAS.	43

1 INTRODUÇÃO

A reflexão ética contemporânea tem sido cada vez mais atravessada pela carência de repensarmos nossas relações com o mundo e com os outros seres que habitam o planeta. Nessa perspectiva, o teólogo, escritor, filósofo e professor universitário brasileiro Leonardo Boff, no seu livro intitulado “O Cuidado Necessário” propõe uma ética que não apenas interpela a consciência individual, mas que também desafia estruturas sociais e paradigmas estabelecidos em nossos dias, o qual apresenta um tema tão importante nos dias atuais, que é o cuidado da nossa terra, meio ambiente, do outro, da educação e o cuidado de si mesmo.

A ética do cuidado é uma perspectiva ética que enfatiza a importância da proteção, preservação e promoção da vida em todas as formas. É uma abordagem que se solidifica na interconexão e interdependência entre todas as coisas e reconhece que a sobrevivência e o bem-estar de cada ser vivo dependem do cuidado e da responsabilidade de todos nós. Para Boff, a ética do cuidado é uma resposta aos desafios ambientais e sociais que enfrentamos hoje, tais como a degradação ambiental, a desigualdade social e a exclusão. A partir desta perspectiva elucidada, entende-se que a ética do cuidado de Boff é baseada em três princípios basilares: cuidar de si mesmo, cuidar dos outros e cuidar do planeta.

Cuidar de si mesmo envolve uma atitude de autorrespeito, autoestima e autoaceitação; cuidar dos outros envolve uma atitude de empatia, solidariedade e compaixão em relação aos outros seres humanos; E cuidar do planeta, por sua vez, envolve uma atitude de responsabilidade e respeito em relação ao meio ambiente. Eis as características imprescindíveis no que tange ao cuidado em sua forma mais genuína.

Destarte, Boff desenvolve e fundamenta a ética do cuidado demonstrando que ela não depende de atitudes individualistas, mas age como um princípio que tem total relação com o processo de coletividade, a saber, as relações humanas e ambientais. Cuidado e responsabilidade colocam-se, desta maneira, como atitudes precípuas na construção de uma ética que não se limita somente ao âmbito humano, estendendo-se à responsabilidade com o ambiente natural e social.

Segundo Leonardo Boff, a educação torna-se uma ferramenta essencial na construção desse pensamento e posicionamento diante do mundo, na medida em que se faz necessário introduzir no pensamento do homem a importância do saber cuidar de si, do outro e do nosso lar comum. É na educação que conseguimos estabelecer parâmetros a serem seguidos como um certo imperativo categórico que firma-se na esperança de um futuro melhor para cada

um dos que habitam o Lar comum. Nessa perspectiva, a Filosofia ganha um papel fundamental na compreensão e conceituação do cuidado e da responsabilidade, na proporção que desperta o lado crítico e reflexivo em todas as esferas da vida.

Escolhi esse tema na disciplina de Ética Contemporânea, cursada no período 2023.1, ministrada pela minha orientadora, profa. Dra. Maria Olília Serra. Na ocasião, eu estava inclinado a trabalhar outro tema no meu Trabalho de Conclusão de Curso. No entanto, após a professora sugerir que eu explorasse o pensamento de Leonardo Boff e a temática do cuidado em um seminário, acabei me encantando pelo assunto. Desde então, iniciei conversas com ela para que pudesse me orientar a respeito do tema, do autor e, conseqüentemente, me aproximar da filosofia latino-americana.

A partir desse momento, comecei minhas pesquisas, inicialmente com o suporte da minha orientadora que, na época, ainda era apenas minha professora na disciplina e com o material bibliográfico que ela me forneceu. Primeiro, preparei meu seminário e o trabalho relacionado ao tema. Em seguida, dei início à produção do projeto da minha monografia, o qual concluí e entreguei no período 2024.1.

Optei por esse tema porque reconheço sua relevância, especialmente por abordar a questão do cuidado com o meio ambiente, a nossa relação com o próximo, e aspectos como solidariedade, fraternidade e responsabilidade, refletindo sobre como podemos contribuir para a construção de um mundo melhor.

A partir disso, direcionei minhas pesquisas para compreender de que forma a educação, mais especificamente, a filosofia pode ser um ponto de apoio para refletirmos o cuidado sob a perspectiva de Leonardo Boff.

A pesquisa se justificou pelo interesse em compreender não apenas a análise dos aspectos e fundamentos filosóficos da ética Boffiana pela ótica da sua literatura, como também esmiuçar como esses princípios éticos podem ser aplicados no contexto educacional, social e ambiental. Por intermédio de um viés crítico e reflexivo, pretende-se não somente compreender melhor a obra de Boff, assim como oferecer possibilidades práticas de enfrentamento aos desafios éticos e morais que permeiam nossos dias, e, conseqüentemente, entendermos nosso papel como responsáveis pela engrenagem que altera o curso do planeta.

Este estudo não visa somente explorar a esfera conceitual da ética do cuidado e da responsabilidade em Boff e sua fundamentação filosófico-antropológica, assim como apresentar, segundo Boff, possibilidades práticas para melhorar nossa perspectiva e cuidado com o meio ambiente, de igual modo melhorar nossa visão sobre a vida e passar a pensá-la de

maneira mais justa e solidária em relação ao outro. Visto que, atualmente agir com fraternidade, solidariedade e compaixão tem sido atitudes raríssimas e muito caras. A partir da análise de Leonardo Boff, o trabalho pretende contribuir com a educação e às questões mais básicas - e mais fundamentais para a vida e sua preservação - que nos cercam, a saber, a vida a partir da ótica do cuidado e da responsabilidade. Será possível existir vida sem cuidado? Será possível existir vida sem responsabilidade? Como a ética contribuiria no processo de coletividade nas relações naturais e sociais? A ética do cuidado e da responsabilidade tem este objetivo: melhorar a vida e as relações.

Uma vez estabelecida as perguntas norteadoras, foi delimitado o objetivo do trabalho que é investigar a ética do cuidado e da responsabilidade em Leonardo Boff, buscando compreender seus pressupostos filosóficos e suas implicações teóricas e práticas. Pretende-se, assim, contribuir para o aprofundamento do entendimento sobre os fundamentos éticos que orientam sua obra e relacionam com a educação filosófica. Como objetivos específicos a pesquisa destaca: identificar pressupostos filosóficos da ética de Leonardo Boff; demonstrar a relação entre cuidado e responsabilidade; e apresentar a educação como uma via para o cuidado e responsabilidade com o mundo.

Esta pesquisa adota uma metodologia teórico-bibliográfica, iniciando pela investigação biográfica de Leonardo Boff, autor central cujas obras “Saber Cuidar” e “O Cuidado Necessário” fundamentam a análise, complementadas por artigos e referências a filósofos como Martin Heidegger, em “Ser e Tempo” (base para a leitura fenomenológica do cuidado), e Hans Jonas, em “O Princípio Responsabilidade”, citado por Boff em discussões sobre ética e responsabilidade. O objetivo é examinar, sob perspectivas filosófica e educacional, como os conceitos de cuidado e responsabilidade podem contribuir para uma educação orientada à solidariedade, fraternidade e compaixão, visando à transformação humana e à construção de um mundo mais ético e sustentável, onde a educação atue como agente de mudança nas relações do indivíduo consigo mesmo, com o outro e com o meio.

As seções do trabalho estão organizadas de forma a oferecer uma visão estruturada e abrangente sobre o tema do cuidado e responsabilidade: uma reflexão ética e política em Leonardo Boff. A segunda seção aborda a metodologia do trabalho, como o tipo de pesquisa e instrumentos de coleta de dados. A terceira seção descreve os pressupostos filosóficos do cuidado e o papel da educação na concretização do cuidado. E a quarta seção, onde o trabalho culmina para uma análise de como os conceitos de cuidado e responsabilidade propostos por

Leonardo Boff podem contribuir para uma educação ética que atue como agente de mudança, resumindo os achados e reflexões finais do estudo.

2 METODOLOGIA DA PESQUISA

A presente pesquisa adotou a metodologia teórico-bibliográfica. O ponto de partida estrutura-se a partir da investigação biográfica do autor trabalhado nesta pesquisa, de modo que fosse possível obter informações fundamentais como aparato para a elaboração da monografia de conclusão de curso.

As obras principais analisadas na presente pesquisa foram: “Saber Cuidar” e “O Cuidado Necessário” de Leonardo Boff. Para melhor compreensão das referidas obras, a pesquisa buscou apoio em livros, artigos científicos publicados em sites da internet, bem como obras de outros autores da filosofia que ajudaram na elaboração e compreensão do tema.

Assim, recorremos a autores como Martin Heidegger na obra “Ser e Tempo”, a qual têm algumas passagens citadas e comentadas por Leonardo Boff - em seus livros que serviram como suporte principal da pesquisa que culminou, posteriormente, a essa monografia - o mesmo serve de base para a leitura fenomenológica e ontológica do cuidado na formação do homem enquanto ser no mundo e sendo subjacente à toda necessidade humana.

Hans Jonas citado no artigo “O Colapso Atual da Ética” publicado 2023 por Leonardo Boff, no qual cita sua obra “O princípio responsabilidade”; também citado em obras de alguns comentadores que tratam do tema “responsabilidade” que foi importantíssimo na construção da pesquisa.

Portanto, analisou-se o cuidado e a responsabilidade sob a ótica filosófica e educacional para destacar ou indagar se a filosofia pode contribuir com a educação para o cuidado, a solidariedade, a fraternidade, compaixão e responsabilidade. Uma educação para a construção de um mundo melhor sustentado no cuidado e na responsabilidade; educação como fator fulcral como possibilitadora da mudança do homem em relação a si e sua relação reflexiva e atitudinal em relação ao mundo e às pessoas.

3 DESENVOLVIMENTO TEÓRICO

3.1 Pressupostos filosóficos do cuidado

3.1.1 A fábula de Higino e a pergunta pelo sentido e responsabilidade pela vida

O cuidado é tão importante para a vida humana e para a preservação de todo tipo de vida, que deu origem a uma fábula-mito. Foi personalizado, virou um ser concreto”. (Boff, 2014, p. 66-67). A fábula de Higino explica a importância e o sentido do cuidado para a vida e nossa responsabilidade com a mesma:

“Certo dia, ao atravessar um rio, Cuidado viu um pedaço de barro. Logo teve uma ideia inspirada. Tomou um pouco de barro e começou a dar-lhe forma. Enquanto contemplava o que havia feito, apareceu Júpiter. Cuidado pediu-lhe que soprasse espírito nele. O que Júpiter fez de bom grado. Quando, porém Cuidado quis dar um nome à criatura que havia moldado, Júpiter o proibiu. Exigiu que fosse imposto o seu nome. Enquanto Júpiter e o Cuidado discutiam, surgiu, de repente, a Terra. Quis também ela conferir o seu nome à criatura, pois fora feita de barro, material do corpo da terra. Originou-se então uma discussão generalizada.

De comum acordo, pediram a Saturno que funcionasse como árbitro. Este tomou a seguinte decisão que pareceu justa:

– Você, Júpiter, deu-lhe o espírito; receberá, pois, de volta este espírito por ocasião da morte dessa criatura. Você, Terra, deu-lhe o corpo; receberá, portanto, também de volta o seu corpo quando essa criatura morrer. Mas como você, Cuidado, foi quem, por primeiro, moldou a criatura, ficará sob seus cuidados enquanto ela viver. E uma vez que entre vocês há acalorada discussão acerca do nome, decido eu: esta criatura será chamada Homem, isto é, feita de húmus, que significa terra fértil.”

A atitude humana emite um egoísmo que afeta suas relações, assim, o cuidado, que é intrínseco à nossa natureza, nosso criador, como está descrito na fábula-mito de Higino, descrita e explicada por Boff. Destarte, ele alerta como o egoísmo afeta nosso cuidado com o outro e com o mundo. Todavia, somos responsáveis por nossas escolhas e atitudes.

A partir do momento que a Filosofia nos alerta sobre a ética de uma responsabilidade universal poderemos criar vínculos mais solidários e fraternos em nossas relações, desenvolvendo o senso de cuidado, como mais adiante veremos em Heidegger, não apenas o cuidado jogado no mundo, mas cuidado na perspectiva ontológica, cuidado presente desde nossa criação, como abordado na fábula de Higino, onde o cuidado que está além dos nossos cuidados com o corpo, além das nossas ambições mais profundas, cuidado subjacente a toda necessidade humana. Cuidado que, sem ele, jamais existiríamos. Cuidado ligado à temporalidade do ser, cuidado que projeta o futuro e reinterpreta nosso passado.

Ao contrário de outras espécies, o ser humano surge em uma condição biológica peculiar: completo em sua estrutura, mas profundamente dependente. Enquanto os animais nascem com instintos e órgãos especializados para a sobrevivência imediata, a criatura humana chega ao mundo em estado de fragilidade extrema. Sem cuidados contínuos, seria incapaz de buscar alimento ou proteger-se, sucumbindo rapidamente. Essa vulnerabilidade inaugural revela uma verdade fundamental: nossa existência está intrinsecamente vinculada ao cuidado alheio (Boff, 2024).

Desde a Antiguidade, pensadores refletem sobre essa singularidade. A fábula 220 de Higino, do período de Augusto, já apontava o cuidado como elemento definidor da humanidade - ideia que ecoaria séculos depois nas análises de Martin Heidegger. Em “Ser e Tempo”, o filósofo alemão eleva o cuidado à categoria de estrutura ontológica: não apenas recebemos cuidado ao nascer, mas carregamos essa dimensão como marca existencial. Para ele, é através do zelo mútuo que o humano emerge e se sustenta, física e espiritualmente, em sua jornada terrena (Boff, 2024).

Essa reciprocidade transcende o âmbito individual. Cosmólogos como Brian Swimme e Stephen Hawking destacam que até mesmo as forças primordiais do universo - gravitacional, eletromagnética e as nucleares forte e fraca - exigiriam uma sintonia delicadíssima para permitir a emergência da vida. Qualquer desequilíbrio ínfimo nessa dança cósmica teria tornado impossível nossa presença aqui, discutindo tais mistérios (Boff, 2024).

Na esfera psicológica, Donald Winnicott explorou profundamente essa dinâmica ao estudar crianças traumatizadas pelos bombardeios de Londres na Segunda Guerra. Seus trabalhos, como exposto em “Tudo Começa em Casa” (1999), revelaram como o acolhimento (*holding*) estrutura não apenas a sobrevivência, mas a construção do self. Cuidar e ser cuidado surgem como polaridades indissociáveis: ao mesmo tempo que dependemos dessa rede de proteção, desenvolvemos uma inclinação natural para zelar pelo outro (Boff, 2024).

Assim, o cuidado revela-se muito mais que um ato pontual - é um princípio ético, cósmico e relacional. Tecido nas entranhas da matéria, nas dinâmicas sociais e na tessitura psíquica, ele se manifesta como alicerce invisível que permite ao humano transcender sua fragilidade original e, paradoxalmente, encontrar na dependência a semente de sua autenticidade (Boff, 2024).

No âmbito da história da saúde, destaca-se a figura visionária de Florence Nightingale (1820-1910), pioneira britânica da enfermagem moderna. Com formação humanista e inspiração religiosa, ela revolucionou os padrões de assistência à saúde em sua

época. Sua busca por métodos alternativos, centrados no paciente em vez de práticas tradicionais, ganhou relevância durante a Guerra da Crimeia (1853-1856), conflito marcado pelo uso de armamentos letais, como bombas de fragmentação, que causavam elevado número de feridos. Em 1854, Nightingale partiu para a Turquia com 28 voluntárias, aplicando em hospitais militares um modelo rigoroso de higiene, organização e atenção individualizada. Em seis meses, sua abordagem reduziu a taxa de mortalidade de 42% para 2%, conquistando reconhecimento internacional. Posteriormente, ajudou a estruturar redes hospitalares nos Estados Unidos, consolidando práticas que priorizavam o bem-estar integral dos pacientes (Boff, 2024).

Esse legado ressalta um princípio fundamental: o cuidado como elemento central na atuação dos profissionais de saúde. Mais do que técnicas, trata-se de uma postura ética que combina empatia, acompanhamento contínuo e compromisso com a vida - seja na cura, seja no apoio em momentos críticos. Essa missão, porém, exige dedicação intensa, o que frequentemente leva cuidadores a enfrentar exaustão física e emocional. Como observou o médico Eugênio Paes Campos em sua obra “Quem Cuida do Cuidador?” (Vozes, 2005), há momentos em que os próprios profissionais precisam de acolhimento, transformando-se de provedores em receptores de cuidado (Boff, 2024).

A resiliência individual é crucial, mas não substitui a necessidade de apoio coletivo. Para evitar o desgaste, é essencial construir comunidades de cuidado dentro das instituições de saúde. Esses espaços devem promover relações horizontais, nas quais profissionais possam compartilhar vulnerabilidades sem receio de julgamento. Um ambiente assim fortalece laços, substituindo hierarquias rígidas por colaboração mútua. Gestos simples - como escuta ativa, palavras de incentivo ou apoio prático - revitalizam quem está sobrecarregado, permitindo que retomem suas funções com renovado propósito (Boff, 2024).

Quando hospitais cultivam essa cultura, transcendem a mera execução de protocolos. Profissionais deixam de ser “aplicadores de técnicas” para tornar-se verdadeiros agentes de transformação, comprometidos não apenas com a saúde física, mas com a dignidade humana. Assim, reforça-se um ciclo virtuoso: cuidadores que se sentem apoiados são capazes de oferecer atenção mais autêntica, perpetuando um legado que remonta a Nightingale - a arte de cuidar como fundamento vital da medicina (Boff, 2024).

3.1.2 O cuidado em Heidegger

Na filosofia de Heidegger, o conceito de cuidado (*Sorge*) emerge como uma estrutura fundamental da existência humana. Longe de se restringir a um sentimento ou ação prática, o cuidado representa, para Heidegger, o modo originário como o ser humano se relaciona consigo mesmo, com os outros e com o mundo. Em sua obra *Ser e Tempo*, o filósofo descreve o ser-no-mundo como essencialmente caracterizado pelo cuidado, revelando que o *Dasein*, termo usado por ele para designar o ser humano, é aquele que se compreende a partir de sua implicação no mundo e de sua abertura para o ser (Heidegger, 2015).

O cuidado, nessa perspectiva, não se limita a um aspecto emocional ou assistencialista, mas constitui a própria condição ontológica e existencial do ser humano. Segundo Oliveira e Carraro (2011), a compreensão do cuidado em Heidegger rompe com a visão técnica ou instrumental, situando-o como uma possibilidade ontológica, ou seja, como uma forma de ser que revela o envolvimento autêntico com a existência e com o outro.

Essa concepção ganha relevância não apenas no campo filosófico, mas também em áreas como a enfermagem, psicologia e educação, que buscam resgatar o cuidado como uma dimensão ética e existencial. Como destacam Braga e Farinha (2017), ao reconhecer o cuidado como estrutura essencial do existir, compreende-se que o ser humano é, desde sempre, lançado no mundo em uma condição de abertura, onde o cuidado se manifesta como preocupação, solicitude e responsabilidade.

Nesse sentido, o pensamento de Leonardo Boff converge com o de Heidegger ao compreender o cuidado como essência do ser, condição de possibilidade para qualquer relação significativa com o mundo, consigo e com os outros. Para Boff (1999), o cuidado é mais do que um ato: é uma atitude, uma forma de ser no mundo que se ancora na responsabilidade, na solidariedade e na compaixão. Assim como Heidegger aponta o cuidado como estrutura ontológica fundamental do *Dasein*, Boff entende que a existência humana só se realiza plenamente quando é permeada por uma ética do cuidado, voltada à preservação da vida, da natureza e da dignidade humana.

Heidegger propõe uma reflexão sobre o sentido do ser como questão fundamental (Heidegger, 2015). Embora nossa existência esteja imersa em uma compreensão prévia do ser, é equivocado reduzi-lo a um transcendental indizível ou a um conceito estático, já que o ser não se confunde com objetos empiricamente verificáveis. Para o filósofo, a negligência histórica em problematizar o ser está entrelaçada com a emergência da metafísica tradicional. A lógica

aristotélica, por exemplo, cristaliza um sentido de ser vinculado à categorização dos entes, limitando-o a definições que pressupõem estruturas fixas de significação. Desse modo, toda abordagem sobre o sentido do ser condiciona a ontologia subjacente a um sistema filosófico, exigindo que o projeto de uma ontologia fundamental, como o desenvolvido em *Ser e tempo*, evite tratar o ser como um ente dado, passível de representação imediata (Heidegger, 2015).

Como afirma Heidegger, “o questionado da questão a ser elaborada é o ser, o que determina o ente como ente, o em vista de que o ente já está sempre sendo compreendido” (2014, p. 41). Essa premissa revela o horizonte hermenêutico que possibilita a própria interrogação. O primado ontológico da questão do ser reside no fato de ele não ser assimilável a um ente particular nem à soma total dos entes. Assim, investigar seu sentido implica analisar as condições que tornam possível o horizonte no qual o ser se revela como compreensível.

O filósofo ressalta que desvelar “o horizonte em que o ser em geral é, de início, compreensível equivale [...] a esclarecer a possibilidade da compreensão do ser em geral, pertencente à constituição desse ente que chamamos de ser-aí” (Heidegger, 2015, p. 304). A compreensão do ser é uma característica ontológica exclusiva do ser-aí (*Dasein*), único ente capaz de questionar seu próprio ser e assumir responsabilidade por ele. Essa singularidade exige uma analítica existencial que explore as estruturas do ser-aí, já que é nele que a pergunta pelo sentido do ser se origina. Dessa maneira, o exame do *Dasein* torna-se o ponto de partida indispensável para desvendar as condições que permitem ao ser manifestar-se em sua totalidade (Heidegger, 2015).

Enquanto ser cuja existência não se reduz à simples determinação dos entes ao seu redor, o ser-aí, conforme delimitado pela analítica existencial, não se configura ontologicamente da mesma maneira que as demais coisas do mundo. Sob uma perspectiva ontológica, sua essência reside no fato de que deve ser, encontrando-se sempre em um processo de vir-a-ser, jamais plenamente concluído. Essa ideia é ilustrada na fala inicial de Riobaldo em *Grande Sertão: Veredas*: “O senhor... Mire veja: o mais importante e bonito, do mundo, é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas, mas que elas vão sempre mudando. Afinam ou desafinam.” (Rosa, 2019, p. 20-1).

A compreensão que o indivíduo tem de si mesmo nunca se esgota, pois sua existência é caracterizada pelo contínuo envolvimento com suas próprias possibilidades. Isso significa que o ser-aí relaciona-se com seu próprio ser como possibilidade, e sua apropriação existencial implica transitar por um repertório de possibilidades previamente delineadas no

mundo. Dessa forma, a compreensão do homem sob a ótica ontológica exige considerar a existencialidade de sua experiência cotidiana (Rosa, 2019).

No entanto, o conceito de existência adotado em *Ser e Tempo* não corresponde à noção tradicionalmente empregada pela filosofia. Casanova (2015, p. 91) esclarece essa especificidade ao destacar que o ser-aí se constitui a partir de um movimento *ek-stático*, o que significa que sua existência implica a abertura de um horizonte no qual os entes se manifestam. Em outras palavras, à medida que *ek-siste*, o ser-aí desvela (*er-schliesst*) o mundo, criando um campo de manifestação para os entes em geral. Esse processo pode ser descrito em quatro momentos fundamentais: o ser-aí existe; essa existência envolve um movimento de abertura e liberação do mundo; esse horizonte aberto possibilita a manifestação dos entes, que passam a se apresentar ao ser-aí; e o ser-aí, então, assume determinadas formas de comportamento e se constitui naquilo que ele é (Casanova, 2015).

O homem, por sua vez, *ek-siste* enquanto ser-no-mundo. Embora sua existência envolva um certo grau de alienação em relação ao mundo, ele não se reduz inteiramente à esfera do mundano. Ao contrário, seu ser é marcado pela tensão entre a familiaridade do mundo e sua inerente transcendência. Sempre em jogo com as possibilidades de sua existência, o ser-aí se encontra lançado no mundo fático e deve lidar com a liberdade de ser, seja no modo da propriedade, seja no da impropriedade. Essa dimensão da existência é captada na poesia de Carlos Drummond de Andrade, que expressa a impessoalidade e a repetição do cotidiano em Elegia 1938:

Trabalhas sem alegria para um mundo caduco,
Onde as formas e as ações não encerram nenhum exemplo.
Praticas laboriosamente os gestos universais,
Sentes calor e frio, falta de dinheiro, fome e desejo sexual (Andrade, 2022, p. 137).

O desvelamento do horizonte de manifestação dos entes não é resultado de uma faculdade cognitiva específica que opera de maneira independente. Em sua experiência cotidiana, o ser-aí lida com uma carência estrutural de sentido, orientando-se, desde sempre, pelos significados e referenciais que lhe são oferecidos pelo mundo fático em que se encontra inserido. A concepção do sujeito como existência permite reconhecer que sua compreensão prévia do ser decorre da apropriação dos sentidos historicamente sedimentados. Nesse contexto, Heidegger (2015, p. 187) observa que “o ser-aí cotidiano retira a interpretação pré-ontológica de seu ser do modo de ser mais imediato do impessoal”.

Isso implica que, no processo de desvelamento do mundo, o indivíduo se constitui em relação aos outros, adotando padrões compartilhados que caracterizam o domínio do impessoal. Em última instância, sua identidade inicial não se configura de modo autônomo, mas emerge como um projeto moldado pelas exigências desse horizonte coletivo. Assim, o ser-aí, em sua cotidianidade, tende a assumir uma existência imprópria, sendo absorvido pelas estruturas linguísticas e semânticas estabilizadas ao longo do tempo, o que sustenta a continuidade dos sentidos já instituídos (Casanova, 2013).

Para compreender o papel central do conceito de cuidado na estruturação ontológica do ser-aí, é fundamental examinar previamente as categorias que definem sua relação com o mundo. Em seu ensaio *sobre a essência do fundamento* (1928), Heidegger sintetiza essa questão ao conceber o mundo, em *Ser e Tempo*, como uma totalidade de significados historicamente construídos. No entanto, atribuir ao mundo a função de unificar processos históricos confere-lhe uma natureza transcendental. Como aponta o autor, “nós designamos aquilo em direção do qual (horizonte) o ser-aí como tal transcende, o mundo, e determinamos agora a transcendência como ser-no-mundo” (Heidegger, 1999, p. 123). Dessa forma, a existência do ser-aí se dá na experiência fenomenológica da transcendência, compreendida a partir de uma situação hermenêutica específica.

O conceito de transcendência, que implica a superação ou a permanência em determinada condição, revela um aspecto fundamental da existência: o ser-aí se constitui sempre em antecipação de si mesmo, lançando-se para além de sua condição atual. Essa projeção do ser-aí ocorre dentro de um mundo fático, onde a tomada de decisão representa uma forma de apropriação de sua possibilidade mais autêntica. O homem, ao assumir sua existência própria, posiciona-se diante do porvir, estruturando sua atualidade conforme as circunstâncias que se apresentam. Como explica Heidegger (2015, p. 424), “a atualização só se esclarecerá mediante a interpretação temporal da decadência no ‘mundo’ das ocupações que nela encontra o seu sentido existencial”. Dessa maneira, pode-se compreender a decadência como um elemento constitutivo do ser-no-mundo, delineando sua relação com a temporalidade e as condições históricas de sua existência.

Esses momentos formam a unidade do conceito de cuidado, que abrange três aspectos: a existencialidade, a decadência na facticidade e a fundamentação ontológica do ente, a partir de um poder-ser próprio. A existencialidade é delineada quando apontamos para a ideia de um anteceder-se a si mesmo no contexto do “descerramento do mundo como horizonte de determinação de todos os comportamentos do ser-aí humano” (Casanova, 2013, p. 86). Ao

mesmo tempo, a imersão no mundo fático, marcada pela decadência nas estruturas impessoais, caracteriza a impropriedade como modo cotidiano do ser-no-mundo. No entanto, ao se mover nas malhas da impropriedade, o ser-aí, cuja existência é marcada por possibilidades existenciais, tem a liberdade de optar, seja pela impropriedade, pela indiferença ou, talvez, por uma existência autêntica.

Ao existir, o ser-aí se relaciona com o mundo, com os outros e com a indeterminação de seu poder-ser, mas só pode ser verdadeiramente a si mesmo quando essa possibilidade é oferecida por ele próprio. Isso não significa uma promessa de clareza, mas uma confrontação com a abertura para determinar a possibilidade de ser do ser-aí, a partir de seu poder-ser mais próprio. Como essa possibilidade nunca se cristaliza em uma "essência humana", a singularização (ou projeção para seu poder-ser mais próprio) é, na verdade, a conquista da indeterminação que é constitutiva da existência (Casanova, 2013).

Considerando a interlocução de Boff com Hans Jonas para o amadurecimento do seu pensamento ético, na próxima sessão abordaremos a responsabilidade no pensamento de Hans Jonas. O filósofo propõe uma ética voltada aos desafios do mundo contemporâneo, destacando a necessidade de pensar as consequências das ações humanas para as futuras gerações e para o planeta. Sua concepção amplia o sentido tradicional de responsabilidade, vinculando-a ao cuidado com a vida e ao compromisso ético diante dos avanços tecnológicos.

3.1.3 A responsabilidade em Hans Jonas

A reflexão de Hans Jonas sobre a responsabilidade emerge como um chamado ético urgente diante dos avanços técnico-científicos que colocam em risco o futuro da humanidade e do planeta. Segundo Jonas (2006), o poder humano, ampliado pelas conquistas tecnológicas, ultrapassou os limites imaginados pelas éticas tradicionais, as quais estavam voltadas apenas para o âmbito das relações imediatas e próximas. Nesse contexto, torna-se indispensável reformular o pensamento ético, assumindo que nossas ações possuem consequências para além do presente e do espaço geográfico imediato.

De acordo com Oliveira (2018), ao analisar a obra de Jonas, destaca que a responsabilidade defendida pelo filósofo vai além do campo individual e alcança uma dimensão coletiva e intergeracional. Para ele, é preciso pensar em uma ética que leve em consideração não apenas os seres humanos atuais, mas também as futuras gerações e o equilíbrio ambiental, elementos diretamente ameaçados pelo uso indiscriminado da técnica. Nesse sentido, Oliveira

(2018) aponta que o pensamento de Jonas visa reconciliar o ser humano com a natureza, buscando um agir fundamentado na prudência e no cuidado.

Outro aspecto central da filosofia de Jonas, destacado por Moreira (2014), é o caráter assimétrico da responsabilidade. Segundo o autor, Jonas rompe com o paradigma da reciprocidade tradicional ao afirmar que quem detém poder sobre a vida, o meio ambiente e o futuro assumem uma responsabilidade que não depende de retorno ou benefício. Essa responsabilidade ética recai especialmente sobre aqueles que possuem condições de influenciar as estruturas sociais e tecnológicas, exigindo uma postura de zelo e precaução.

Nesse contexto, ganha destaque o conceito de “heurística do temor”, formulado por Jonas como um princípio orientador da ética na modernidade técnica. Como explicam Alves e Mentges (2017), trata-se de adotar o medo racional como ferramenta para evitar consequências catastróficas, especialmente diante da impossibilidade de prever, com precisão, os efeitos das inovações tecnológicas. O temor, longe de ser um obstáculo ao progresso, assume um papel construtivo ao frear ações potencialmente destrutivas e ao fomentar decisões responsáveis.

A aplicação prática dessa ética se materializa na defesa do princípio da precaução, como ressaltam Waldman, Munhoz e Sampaio (2017). Para os autores, a proposta de Jonas fundamenta juridicamente a necessidade de políticas públicas e medidas preventivas que garantam a integridade do meio ambiente e das condições de vida no planeta. Assim, a responsabilidade ética, segundo Jonas, não é uma opção moral facultativa, mas uma exigência incondicional diante da magnitude dos riscos que o ser humano impôs à sua própria existência.

Hans Jonas, filósofo alemão, elaborou a teoria da ética da responsabilidade, destacando a necessidade de refletir sobre as repercussões futuras das ações humanas, especialmente nos âmbitos ambiental e social. Para Jonas, é fundamental que o ser humano assuma a responsabilidade pelos efeitos de suas escolhas, não apenas para si mesmo, mas também para a coletividade e as gerações vindouras (Fonsêca, 2014). Em suas obras, ele propõe uma ética que transcende o imediatismo, incentivando uma visão de longo prazo nas decisões individuais e coletivas. Isso requer superar interesses pessoais em favor de um compromisso ético com as consequências globais e intertemporais de nossas ações (Fonsêca, 2014).

Jonas enxerga a ética da responsabilidade como uma resposta aos efeitos negativos da tecnologia e do avanço científico. Ele argumenta que, à medida que o ser humano adquire mais poder sobre a natureza e a sociedade, sua responsabilidade por suas ações também aumenta. Nesse contexto, ele defende que tanto a tecnologia quanto o progresso científico

devem ser guiados por essa ética da responsabilidade, para assegurar que suas consequências beneficiem a humanidade (Fonsêca, 2014).

A teoria de Jonas se fundamenta na ideia de que o ser humano tem um compromisso com o futuro, o qual deve ser levado em consideração ao tomar decisões no presente. Essa responsabilidade não se restringe às consequências imediatas, mas abrange os impactos de longo prazo para o meio ambiente e a sociedade. Assim, a ética da responsabilidade proposta por Jonas pode ser vista como uma ética voltada para o futuro (Fonsêca, 2014).

A ética da responsabilidade possui repercussões significativas em diversas áreas do conhecimento e das práticas sociais, como a política, a ciência, a tecnologia e a educação. No contexto político, ela implica uma maior conscientização sobre o bem-estar das futuras gerações e a preservação ambiental, influenciando decisões relacionadas a questões como mudanças climáticas, proteção ambiental e a distribuição de recursos (Fonsêca, 2014, p. 73).

No âmbito da bioética, a responsabilidade se posiciona de forma crítica, especialmente ao abordar as estratégias de empresas, como a indústria farmacêutica, em busca de lucro, como apontado por Ray Moynihan e Alain Wasmès (Fonsêca, 2014).

Hans Jonas, que foi pioneiro nos estudos bioéticos desde a década de 1960, reformulou os imperativos categóricos de Kant para adaptá-los à necessidade de uma ética planetária, que vai além do antropocentrismo. Sua preocupação central é a responsabilidade derivada do poder humano, refletida na necessidade de agir com responsabilidade para a preservação da vida no planeta:

“Age de modo que os efeitos da tua ação sejam compatíveis com a permanência da vida humana autenticamente sobre a Terra. Age de tal forma que os efeitos da tua ação não destruam as condições necessárias para a continuidade dessa vida no futuro. Não prejudique as condições para a subsistência indefinida da humanidade sobre a Terra. Inclua na tua escolha presente a integridade futura da humanidade como um objetivo coletivo do seu desejo” (Jonas, 2006, p. 47-48).

A ética da responsabilidade propõe uma reflexão sobre as consequências de nossas ações para o futuro, levando em consideração os impactos que elas podem gerar no mundo (Fonsêca, 2014). Esse conceito pode ser aplicado ao universo esportivo, especialmente no que diz respeito às competições de alto nível.

O próximo capítulo irá tratar do papel da educação na concretização do cuidado, mostrando como os processos educativos podem transformar o cuidado em prática efetiva no cotidiano. A educação, em suas diversas formas, é fundamental para formar sujeitos conscientes e comprometidos com o cuidado, seja no âmbito pessoal, social ou ambiental.

3.2 O papel da educação na concretização do cuidado

3.2.1 Educação e Cuidado

A Educação para o Século XXI propõe um desafio significativo: afirmar-se como emancipadora e distante de qualquer rigidez teórica. Esse entendimento é refletido no relatório da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI, também conhecido como Relatório Jacques Delors. De acordo com o documento, a educação tem o papel de oferecer "os mapas de um mundo complexo e em constante transformação, além de fornecer a bússola necessária para navegá-lo" (Delors, 2014, p. 89).

Essa visão levou ao desenvolvimento de quatro pilares da educação: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver juntos e aprender a ser. O intuito da educação, conforme expresso no relatório, é promover o desenvolvimento integral do ser humano, considerando sua complexidade e riqueza. Nesse contexto, a educação é vista como "uma jornada interior, cuja progressão está ligada à maturação contínua da personalidade" (Ibid., p. 101), com o objetivo de promover o autoconhecimento, a construção da identidade e a interação social.

Para Boff, a Terra é complexa porque possui uma história imensa, com cerca de 4,44 bilhões de anos, fruto de um processo evolutivo iniciado há 13,7 bilhões de anos. A vida surgiu há aproximadamente 3,8 bilhões de anos, enquanto os mamíferos apareceram há cerca de 125 milhões de anos, trazendo consigo a capacidade de afeto, carinho e amor. Os primeiros ancestrais humanos surgiram há cerca de 70 milhões de anos, e cerca de 17 milhões de anos atrás, os primatas se separaram, dando origem ao ser humano com o potencial de uma humanidade.

A plena humanidade se manifestou há cerca de 100 mil anos, quando o ser humano adquiriu a consciência e a inteligência. Assim, o ser humano passou a ser portador de um cérebro extremamente complexo, capaz de sustentar um espírito que transcende este mundo, alcançando as estrelas e o infinito (Boff, 2013). Esta é a Terra à qual prestamos nossa reverência sempre que a reconhecemos.

Ao percorrer o caminho da hominização (processo de tornar-se humano) à humanização (processo de autoeducação), o ser humano se abre à possibilidade de se tornar mais humano, mais terno, mais fraterno, mais cuidadoso e mais espiritual. A Terra é a fonte de inspiração para o ser humano no exercício da admiração, um ponto de partida para a experiência

do conhecimento. A admiração é, então, o meio pelo qual vivenciamos as verdades da criação. Para ilustrar essa admiração, Boff cita os testemunhos dos astronautas James Irwin e Gene Cernan, que, ao contemplarem a Terra a partir do espaço, expressaram:

"A Terra se parece com uma árvore de Natal suspensa no fundo negro do universo. Quanto mais nos afastamos dela, mais ela diminui, até se tornar uma pequena bola, a mais linda que se possa imaginar. Aquele ser vivo, tão belo e acolhedor, parece frágil e delicado. Contemplá-la transforma a pessoa, que começa a apreciar a criação de Deus e a descobrir o amor de Deus. Do solo lunar, eu observava com profundo respeito a Terra, mergulhada em um azul muito escuro. O que via era tão belo e lógico, repleto de propósito, que parecia impossível ser apenas um acidente cósmico. Sentíamos, internamente, uma necessidade de louvar a Deus. Deus deve existir, pois criou aquilo que eu tive o privilégio de contemplar" (Boff, 2015, p. 268).

O ser humano foi criado para apreciar a beleza ao seu redor. Ao observar a Terra, compreende-se que ela é uma totalidade única, que remete à ideia de Deus. Não existem elementos iniciais ou finais no universo; todos os componentes estão interligados e são distintos, ao mesmo tempo que pertencem tanto a si mesmos quanto ao todo que forma o cosmos. A visão da Terra desperta em nós o desejo de contemplação, que nos conduz ao conhecimento e ao autoconhecimento, promovendo uma conexão com o universo. Esse processo de contemplação desperta em nós o impulso de cuidar daquilo que nos cerca Boff (2012). Como afirma Boff (2012), esse é um chamado ético que nos impulsiona a reconhecer a vulnerabilidade das coisas e a necessidade de preservá-las. Cuidar e ser cuidado são, portanto, aspectos fundamentais da existência humana e de tudo que está vivo.

O pensamento pedagógico na era planetária, conforme delineado por Leonardo Boff, é concebido de forma complexa, sem a busca por simplificações metodológicas. Para ele, a relação entre Educação e Cuidado se alinha ao processo de humanização de forma semelhante à simbiose que ocorre entre os seres vivos. Ao adotar o conceito de educação planetária, Boff propõe reflexões que ampliam o entendimento da educação, abordando suas dimensões de crítica, criatividade e libertação, e coloca uma questão central: onde, ao longo da História da Educação Moderna, o Cuidado se inseriu? O cuidado é, então, descrito como um novo imperativo categórico, formulado por Boff da seguinte forma: "se desejás salvar este pequeno e belo planeta, teu lar humano, se queres preservar a diversidade das formas de vida, se almejas salvar a civilização humana, e a ti mesmo, começa já agora a cuidar de tudo e de todos, pois sem o cuidado, não há salvação para ninguém" (2013, p. 261).

Neste contexto, Boff descreve as "exigências de uma educação para o cuidado" (2013, p. 261), que serão expandidas em um esforço de compreensão mais profunda dessas

exigências no âmbito pedagógico. De forma diferente das abordagens tradicionais na história da educação, que priorizam teorias centradas na crítica, criatividade e libertação, o olhar de Boff se expande para a complexidade da vida e para o Mistério da experiência humana no contexto cósmico.

A educação para o cuidado pode ser dividida em quatro blocos conceituais: 1 elementos antropológicos da convivência e aprendizagem; 2 elementos curriculares da educação; 3 a educação espiritual baseada no espírito de comunhão; e 4 a interdisciplinaridade como transdisciplinaridade ética.

No primeiro bloco, Boff aponta a necessidade de “resgatar a razão sensível e cordial” e superar o antropocentrismo que coloca o ser humano como único detentor de valor no universo (Boff, 2013, p. 262). A prática pedagógica, então, deve ser orientada pelo coração, que expressa a razão sensível. A reconciliação entre razão e emoção, longe de serem dicotômicas, é uma função essencial da educação. Essa abordagem visa reencantar a vida, convidando o ser humano a se perceber como parte integrante da complexa teia ecológica do Universo, em vez de se ver como centro ou senhor de si mesmo, fruto de uma visão moderna e antropocêntrica.

O segundo bloco aborda duas demandas essenciais que Boff aponta como elementos fundamentais para a construção de um currículo, destacando a importância de integrar princípios ecológicos. Esses princípios englobam a ideia de que tudo na Terra está interconectado, seja em tempo ou espaço, e que a energia vital provém do Sol. Além disso, enfatiza que a matéria, a energia e as informações circulam pela teia da vida, com todos os seres sendo interdependentes, cooperando entre si para a continuidade da vida no planeta. Boff também propõe que o conhecimento da nossa comunidade de vida exige um reconhecimento da natureza ao nosso redor, incluindo flora, fauna, relevo e corpos d'água, além de compreender a história humana dos locais onde habitamos. Esse olhar deve se estender para fora das escolas, incentivando os alunos a se conectarem diretamente com a natureza e com a organização social de seus ambientes, não como curiosidade, mas com um sentido profundo de comunhão e reconhecimento (Boff, 2013).

Essas visões exigem que a prática pedagógica seja permeada por uma missão de promoção de uma ética de cuidado, presente em todas as áreas do saber e em todas as atitudes cotidianas. Isso é o que Boff (2013) define como um ensino voltado para os valores, que privilegia o diálogo interdisciplinar, a responsabilidade em viver e a solidariedade intergeracional. De acordo com ele, a missão do ser humano é ser guardião e cuidador da

herança do universo, contribuindo para o processo de evolução da Terra em parceria com as forças cósmicas que regem a vida (Boff, 2013).

Na visão de Boff (2013), a educação do cuidado resgata o que há de mais essencial no ser humano: a consciência, a solidariedade, a criatividade, o amor, a compaixão e o sentimento de pertencimento a um Todo que nos sustenta e nos anima. A educação, nesse sentido, deve ser entendida como um processo que começa na infância e que se traduz em um retorno contínuo à aliança com a criação e ao cuidado com o próximo, com o ponto de partida sendo o cuidado de si mesmo. Para ilustrar essa visão, Boff cita um discurso de Pablo Casals, proferido em 1980 na Assembleia Geral das Nações Unidas, sobre a importância da criança como futuro da humanidade. Casals afirma “que cada criança é um milagre único, e que essa consciência de sua unicidade e valor deve levar a uma transformação no modo de pensar e viver, contribuindo para a construção de um mundo melhor” (Boff, 2013, p. 268).

A educação, portanto, envolve estratégias pedagógicas que buscam uma formação humana sólida, alicerçada em valores fundamentais e na capacidade de lidar com a vida e com os outros. A educação deve ser vista como um processo contínuo que começa na primeira infância e se estende ao longo da vida, onde o objetivo não é a simples acumulação de conhecimentos, mas o desenvolvimento de uma consciência plena de pertencimento e comunhão com o universo. Educar é superar as divisões tradicionais dos currículos formais e iniciar uma formação integral, em que as noções de bem e mal, indivíduo e sociedade, estão conectadas aos valores cósmicos que guiam a humanização e o processo de transformação do ser humano como agente ativo desse processo.

O caminho para a educação integral é um processo que envolve seis etapas, que devem ser percorridas, sendo essas etapas diretamente ou indiretamente ligadas ao projeto pedagógico que será descrito a seguir. Leonardo Boff (1998), em sua obra, descreve que primeiramente, é necessário retirar o ser humano de sua posição de superioridade e isolamento, onde ele se colocou como estando à parte da natureza. Em segundo lugar, é fundamental devolver ao ser humano sua conexão com a comunidade de outros seres humanos. Em seguida, é preciso ampliar essa visão, levando o ser humano a integrar-se à comunidade dos seres vivos (biocenose). O próximo passo é levar o ser humano a reconhecer a Terra como um organismo vivo, uma Mãe que sustenta e interage com todos os seres. Depois, é necessário expandir a visão para incluir o Cosmos, compreendendo que a relação entre o ser humano e a Terra é uma extensão da relação entre a Terra e o Cosmos. Por fim, o último passo é a busca pela

compreensão do Criador, desafiando o ser humano a decifrar o Mistério que permeia todas as formas de vida e o universo (Boff, 1998)

O ser humano é educável quando se abre para o processo de autoconhecimento e transformação interior, que visa sua totalidade. Esse processo de transformação envolve um retorno ao próprio ser, compreendendo a subjetividade humana e a experiência do Espírito, que não se limita apenas a essa dimensão, mas se conecta com algo mais profundo. As revoluções interiores que movem o ser humano têm raízes em sua própria experiência existencial, embora muitas vezes fogem ao entendimento imediato (Boff, 2015).

A verdadeira revolução ocorre quando o espírito humano, ao se confrontar com o incompreensível, desenvolve uma nova independência das estruturas mentais preexistentes, movendo-se com persistência e potencial. Esse movimento também pode ser observado na Espiritualidade, que demanda uma revolução alinhada à revolução ecológica. Boff (2015) destaca que essa nova espiritualidade deve ser vivida como uma experiência global, que conecta todas as buscas e experiências de sentido, criando uma ecoespiritualidade que se baseia em uma nova identificação com a Terra e o Cosmos, ambos habitados e assumidos por Deus (Boff, 2015).

A espiritualidade, neste contexto, diz respeito à orientação que coloca a vida como centro, entendida de forma ampla e integral. Ela envolve a constante busca do ser humano para preservar sua experiência originária de comunicação e união, em que a morte se apresenta como o verdadeiro oposto da vida. Esse processo espiritual permite a redescoberta do projeto formador do ser humano, tanto em sua dimensão universal quanto individual, possibilitando-lhe perceber em sua conexão com o todo a sua própria identidade, que carrega "energias ancestrais, arquétipos profundos, paixões intensas, e tendências de ternura e solidariedade" (Boff, 2015, p. 257). Através desse caminho, o ser humano reconquista a si mesmo e seu próprio coração. A história universal se entrelaça com a história interior de cada pessoa, sendo que, na visão religiosa, é no coração humano que Deus se manifesta de maneira mais evidente.

A segunda reflexão aborda a presença do espírito em uma espiritualidade que se alinha com a experiência religiosa. A espiritualidade confere significado à religião, entendida como o encontro com o divino e a expressão da fé como acolhimento de Deus. Nesse contexto, a espiritualidade se refere à internalização dos conteúdos de fé, algo além de uma simples teorização sobre Deus. Ela está relacionada à vivência de Deus dentro de uma perspectiva integradora: "Espiritualidade é o campo que não é controlado pela instituição ou pela comunidade religiosa. É o espaço da liberdade interior, da experiência pessoal do Sagrado, da

nomeação amorosa de Deus, do lamento diante de Deus pelos absurdos existenciais, da construção do universo das significações últimas, e da maneira como cada indivíduo as representa conforme seu código interno e único” (Boff, 2015, p. 260).

Por fim, a terceira reflexão se refere à manifestação do espírito no tempo, que envolve “as motivações poderosas, as forças espirituais e morais que movem uma geração, as utopias que impulsionam as práticas, as sensibilidades que caracterizam a percepção da realidade, as ideias dominantes que conferem sentido à totalidade” (Boff, 2015, p. 261). Nesse entendimento, a espiritualidade desempenha uma função pedagógica: ela deve abarcar a forma subjetiva de assimilar e personalizar esse espírito do tempo, cumprindo a tarefa de unificar a visão da realidade, de conectar de maneira articulada todas as experiências, conhecimentos e práticas. O espírito do tempo reflete a necessidade humana de uma visão holística, percebendo a totalidade como mais do que a soma das partes; as partes estão no todo e o todo nas partes, em um movimento gerador e harmonioso, mesmo quando a fragmentação e o caos parecem predominar (Boff, 2015).

A ecoespiritualidade surge como uma resposta necessária ao contexto atual. Caso consideremos a espiritualidade como um encontro de comunhão, um diálogo pessoal de abertura e amor com Deus, o ponto inicial é a percepção de Deus como Energia Suprema, como o Espírito que se manifesta no movimento e na dança do universo. A ecoespiritualidade está ligada à vivência do Espírito no próprio ser, buscando descobrir as energias em ação, o desejo de vida e os impulsos que alimentam o processo criativo: “um dos aspectos fundamentais da ecoespiritualidade é a prática da simplicidade, uma virtude profundamente humana, presente em todas as outras, que assegura a sustentabilidade do planeta” (Boff, 2015, p. 267).

A ecoespiritualidade também nos convoca a uma celebração e encantamento pela natureza, despertando a consciência de que temos uma missão no universo. Podemos transformar nossa reverência pela criação em uma ação de graça diante do Criador. O universo existe para ser venerado, e ao contemplarmos a Terra, reconhecemos que somos parte dela e aprendemos a entender a unidade que ela representa, conduzindo-nos à unidade do Universo e, por fim, a Deus. A unidade aponta para uma experiência compartilhada de ecoespiritualidade na fé, esperança e amor: a fé nos leva a entender que cuidar da Terra é incorporar o cuidado do Criador; a esperança nos garante que, apesar dos sinais de destruição, a Terra e o cosmos pertencem ao Espírito e ao Verbo; e o amor nos faz identificar com a Terra, pois é o elemento integrador e unitivo do universo (Boff, 2015, p. 269).

O processo pedagógico da ecoespiritualidade, conforme Leonardo Boff, se afirma ao enfatizar um aprendizado contínuo de identificação com a Terra e o Cosmos. A espiritualidade que podemos desenvolver precisa ser entendida como uma relação intrínseca com o universo. Ao discutir essa ecoespiritualidade, Boff ilustra com uma parábola moderna sobre o ser humano, o Universo e Deus:

Certa vez, um monge idoso e santo foi visitado em sonho pelo Cristo ressuscitado, que o convidou a caminhar juntos pelo jardim. Após andarem por um tempo, o monge, com curiosidade, perguntou: "Senhor, quando retornaras com tua glória e pompa, como prometeste na Palestina? Está demorando tanto!" Após um longo silêncio, o Senhor respondeu: "Meu irmão, quando minha presença for tão clara no universo e na natureza, quando estiver em teu coração e sob tua pele de forma tão real quanto agora, e quando essa consciência for tão viva em ti, a ponto de não precisar mais perguntar sobre minha vinda, então terei retornado com toda minha glória e pompa" (Boff, 2015, p. 270).

A educação deve ser entendida como um processo que desperta a consciência de nossa interconexão com todos os seres, inseridos em um projeto cósmico de comunhão. A verdadeira revelação pedagógica não se limita ao conteúdo transmitido ou à definição dos papéis de quem ensina e de quem aprende, mas à compreensão da presença compartilhada, à construção de uma nova lógica de convivência e ao reconhecimento de uma criação em constante expansão. Essa criação exige cuidado para garantir que as gerações futuras possam experimentar essa harmonia, tornando-nos agentes ativos na preservação do mundo e evidenciando nossa conexão tanto com o cosmos quanto com a Terra.

3.2.2 Cultivar uma ética do cuidado

O cuidado se reflete na ação daqueles que se comprometem com práticas diferenciadas e significativas. Antes de se envolver em qualquer experiência ou escolha, o ser humano se coloca em uma posição de disponibilidade, encontrando a possibilidade de interiorizar um sentimento que orienta suas ações de cuidado, Boff descreve esse sentimento motivador e existencial como a “ressonância do cuidado”, um aspecto fundamental da natureza humana, com o amor como sua base essencial. No coração humano, inicia-se a experiência do cuidado.

O resgate do coração (Boff, 2010) implica em sentir, viver e amar como a própria Terra, evocando a dimensão afetiva das relações humanas com a natureza. Esse vínculo se concretiza nos afetos e no cuidado mútuo entre as pessoas. A profundidade do cuidado e do

amor se revela no discernimento do que é bom e justo. “Bom” e “justo” constituem o horizonte de um cuidado que humaniza e emancipa. Somente a “justa medida” fundamenta um cuidado necessário, que evidencia os valores essenciais. O cuidado se insere na perspectiva da complexidade, onde as escolhas não são mais limitadas por caminhos unívocos, mas se definem através de múltiplos e complementares caminhos, sempre direcionados pelas escolhas do coração (Boff, 2010).

O conceito de educação cordial busca formar nos jovens uma personalidade clara, generosa e sem disfarces, combinada com um coração firme e acolhedor, determinado e respeitador das coisas sagradas, bem como solidário (Boff, 2010). Educar, nesse sentido, envolve acompanhar o crescimento humano por meio da convivência pautada pelo cuidado, afetividade e compaixão. Essa relação simbiótica orienta-se para a convivência, entendida como o sentimento de pertencimento e cumplicidade entre as pessoas. Leonardo Boff expressa grande apreço pela contribuição de Buda - Siddhartha Gautama (IV-V a.C.), que propõe o desapego total do mundo, alinhado com um cuidado responsável que se concretiza em ações concretas (Boff, 2010). De maneira semelhante, a tradição judaico-cristã valoriza a Misericórdia como uma característica central do agir cristão, sendo vista como a fonte irradiadora da virtude.

A abordagem pedagógica de Leonardo Boff está profundamente marcada pela noção de cuidado, considerada sob uma perspectiva cósmica. Ao recuperar o conceito de Misericórdia, no contexto judaico-cristão, Boff destaca sua origem hebraica, que remete ao significado de "ter entranhas e sentir com elas a realidade do outro, especialmente aquele que sofre" (Boff, 2014, p. 149). Essa atitude reflete o exemplo de Jesus, que, como modelo de misericórdia, atuou com compaixão infinita e divulgou a imagem de um Deus que acolhe e vê com empatia, oferecendo salvação àqueles que, em vida, se dedicaram ao cuidado dos que mais necessitam.

Dentro dessa perspectiva, a educação integral é sintetizada no discurso de Boff por meio de uma pedagogia da Terra. Embora possa parecer desatualizado falar sobre a Terra, dado que, no paradigma tecno-científico, ela é vista como um recurso a ser explorado e dominado, Boff revigora a Opção Terra, transformando-a em uma Opção Ética, que se traduz na escolha pelo cuidado. Essa opção reflete um compromisso com os processos vitais, que Boff explicita no documento da *Carta da Terra*, abordado em sua obra "Civilização Planetária. Desafios à sociedade e ao cristianismo" (Boff, 2003c, p. 115-128). De acordo com Boff, a Carta da Terra visa promover a conscientização sobre a interconexão de todos os elementos, gerando uma comunidade terrenal e cósmica. Ele ressalta que essa visão é apoiada pelas ciências da Terra,

pela nova cosmologia, pela física quântica, pela biologia contemporânea e pelos fundamentos da ecologia holística (Boff, 2003a).

A *Carta da Terra*, estruturada em quatro partes interdependentes, chama a atenção para a necessidade de refletir sobre como nossas atitudes em relação aos direitos da natureza, aos direitos humanos, à justiça e à cultura de paz impactam as gerações presentes e futuras. Ela expressa uma responsabilidade coletiva com a vida, a comunidade e as gerações vindouras:

"Temos o dever sagrado de assegurar a vitalidade, a diversidade, a integridade e a beleza de nossa casa comum. Para isso, precisamos refazer uma nova aliança com a Terra e estabelecer um novo pacto social de responsabilidade entre todos os seres humanos, fundamentado em uma dimensão espiritual de reverência ao mistério da existência, gratidão pela vida e humildade diante do lugar que o ser humano ocupa no conjunto dos seres" (Boff, 2003a, p. 19).

Nesse sentido, o processo de educação ética se fundamenta na adoção dos princípios de cuidado com a Terra, incorporados como diretrizes pedagógicas. Boff (2003c) reproduz na íntegra os quatro blocos de princípios da Carta da Terra, que totalizam dezesseis princípios fundamentais, e os apresenta como orientações educativas diante do desafio Terra-Cosmos. Esses princípios incluem o respeito e o cuidado com a comunidade da vida, a integridade ecológica como forma de proteção, a justiça social e econômica para garantir uma subsistência digna a todos e a promoção da democracia, da não-violência e da paz (Boff, 2003c).

A análise desses princípios nos direciona para um novo modelo de intervenção pedagógica, conforme delineado no décimo quarto princípio da Carta da Terra, citado por Boff (2003c), que propõe a integração da educação formal e da aprendizagem contínua com os conhecimentos, valores e habilidades necessários para promover a sustentabilidade. Entre as diretrizes dessa proposta, destacam-se:

- a) Prover a todos, especialmente crianças e jovens, oportunidades educativas que lhes permitam participar ativamente do desenvolvimento sustentável;
- b) Valorizar a contribuição das artes, humanidades e ciências no processo educacional voltado para a sustentabilidade;
- c) Ampliar o papel dos meios de comunicação de massa para aumentar a conscientização sobre os desafios ecológicos e sociais;
- d) Reconhecer a importância da educação moral e espiritual para a sustentabilidade da vida (Boff, 2003c).

A educação é um processo contínuo e integral, que envolve todo o ciclo da vida e se fundamenta na incorporação de conhecimentos e valores que sustentam a vida no cosmos. O

enfoque está na sustentabilidade, alcançada por meio do cuidado, que transforma as trajetórias e reconstrói um sistema educativo baseado tanto na experiência individual quanto na coletiva. Para Boff (2010), a sustentabilidade reflete a dinâmica dos ecossistemas, que orientam para a cooperação e a evolução mútua, evidenciando a interdependência entre todos os seres, especialmente os mais vulneráveis.

Se o objetivo da educação é humanizar o indivíduo, inserindo-o no ambiente como sujeito cultural e educável e conectando-o ao mundo com uma consciência cósmica, a sustentabilidade torna-se um requisito essencial, tanto no nível pessoal quanto social. O verdadeiro desafio da educação reside na prática da sustentabilidade, que envolve a capacidade de uma vida pessoal autossustentável, abrangendo aspectos biológicos, psicológicos, familiares e espirituais. Para Boff (2010), uma vida sustentável é aquela capaz de se manter equilibrada e integrada, tanto no aspecto material, como na dimensão ética e espiritual, cultivando valores como respeito, cooperação, convivência harmoniosa, e uma relação profunda com a origem de todo ser, que é Deus.

Quando indivíduos são sustentáveis, surge a perspectiva de uma sociedade igualmente sustentável: organizada para incutir nas futuras gerações um equilíbrio cósmico e humano, responsável por sua produção e subsistência, e capaz de garantir a justiça e a segurança, com o objetivo de eliminar a pobreza e a exclusão. Com essa visão, o ato educativo se torna um ato de cuidado, uma relação amorosa com a realidade, que envolve zelo, atenção e proteção pelo que é valorizado. O cuidado, portanto, implica também em preocupação e inquietação, sendo a base sobre a qual as diversas dimensões do ser humano podem emergir (Boff, 2010).

A educação alinhada com a nova cosmologia promove uma mudança na consciência, que se torna a causa e o fim do processo educativo. Segundo Leonardo Boff (2009a), a transformação de nossa mentalidade - a noosfera - é a chave para um compromisso ético verdadeiro com a Terra e sua biodiversidade, restaurando na educação o princípio de interconexão entre todos os seres, estabelecendo uma existência mais complexa e educável.

O propósito da educação vai além dos projetos meramente utilitários, pois envolve o aspecto fundamental: o ser humano. Ao se dedicar a esse ser, todos os projetos pedagógicos buscam fomentar o seu desenvolvimento e orientá-lo em direção a um caminho de completude e harmonia. Se considerarmos que a educação tem como objetivo ensinar a viver, Boff (2012c) destaca a importância de refletir sobre os trajetos que promovem o “bem viver”. Refletir sobre

esses trajetos implica uma mudança na forma de pensar, superando a visão limitada e solitária da simplicidade.

Nesse contexto, o conceito de cuidado proposto por Boff reconhece que a transformação das ideias e a ampliação do coração são essenciais para o fortalecimento de um cuidado ecológico. A *Carta da Terra*, conforme apresentada por Boff (2003c), enfatiza a necessidade de uma mudança de mentalidade e de coração, estabelecendo um novo entendimento sobre a interdependência global e a responsabilidade universal. Essa mudança envolve a criação de uma visão sustentável de vida em diferentes esferas, local, nacional, regional e global, e a valorização da diversidade cultural, que é uma herança preciosa. Cada cultura, de acordo com Boff, encontrará suas próprias maneiras de realizar essa visão (Boff, 2003c).

A ecologia ambiental, por sua vez, representa a expressão do cuidado com a comunidade de vida (Boff, 2009a). Diante dessa comunidade, surge a necessidade de renovar nossa aliança com a criatividade expansiva, com o objetivo de gerar novas formas de consciência e de escolhas. O meio ambiente se expande para incluir uma complexidade em que a presença humana é essencial para a criação de um futuro viável. Não há uma separação rígida entre o que é humano e o que é cósmico; o ser humano é, de certa forma, o ambiente que molda seu meio.

Todo o processo pedagógico deve culminar em uma conscientização que atribui ao ser humano, independentemente de gênero, um significado universal elevado. A partir dessa conscientização, torna-se evidente que a prioridade máxima e global é preservar o planeta Terra, assim como o universo, garantindo as condições que o cosmos construiu ao longo de bilhões de anos para sustentar a vida, particularmente a humana (Boff, 2015).

Assim, é fundamental olhar para o futuro, reconhecendo que, além da ecologia ambiental, há um processo decisional crítico para a experiência da comunhão na comunidade de vida. A ecologia política e social oferece uma análise aprofundada dos recursos naturais, das formas de exploração desses recursos e da participação humana na promoção de uma nova responsabilidade pela regeneração dos recursos, garantindo a sustentabilidade para as futuras gerações (Boff, 2012c). É neste ponto que surge a urgência de um olhar de sustentabilidade, que possibilita a reflexão sobre as desigualdades humanas e as diferentes formas de injustiça que afetam tanto o ambiente humano quanto o meio ambiente.

De acordo com Boff (2012c), a sociedade contemporânea se estrutura sobre a crença de que os recursos naturais são inesgotáveis e que o crescimento econômico pode ocorrer

indefinidamente. Entretanto, essa visão tem gerado profundas desigualdades tanto no âmbito social quanto no ambiental. A desigualdade social se evidencia na concentração de riqueza, onde uma pequena parcela da população detém a maior parte dos bens e recursos, intensificando as disparidades econômicas entre grupos e nações. Já a desigualdade ambiental se manifesta na degradação dos ecossistemas, impactando a biodiversidade, os recursos hídricos, o ar e o solo, como consequência do uso excessivo e irresponsável da natureza (Boff, 2012c).

Para Boff (2013), a educação desempenha um papel fundamental na construção da consciência, indo além do desenvolvimento cognitivo e intelectual. Nesse sentido, ele destaca a importância da ecologia mental, que se dedica à análise dos padrões de pensamento e valores que a sociedade reproduz ao longo da história. O modo como os seres humanos interagem com o meio ambiente, explorando os recursos e gerando desperdício sem considerar os impactos, reflete formas de pensamento que precisam ser questionadas e modificadas. Essa necessidade de transformação é enfatizada na *Carta da UNESCO*¹, que aponta que, uma vez que os conflitos surgem na mente humana, é nesse mesmo espaço que devem ser cultivadas as bases para a paz (Boff, 2012c).

A ecologia mental, portanto, apresenta dois grandes desafios: romper com as barreiras que impedem a construção de uma nova consciência e promover uma atitude de cuidado responsável com o planeta (Boff, 2009a). Para que essa mudança ocorra, Boff identifica seis obstáculos estruturais que dificultam a humanização integral.

O primeiro desafio está na dificuldade de reconhecer que a humanidade, como parte da natureza, enfrenta uma crise ambiental sem precedentes. A destruição do meio ambiente já está em curso, e a resistência às mudanças está frequentemente ligada a um narcisismo existencial e a uma visão antropocêntrica, que colocam o ser humano como centro do universo - este constitui o segundo desafio. O segundo entrave é a predominância da racionalidade instrumental e da tecnociência sobre a sensibilidade e a compaixão, o que impede a construção de uma ética conectada à espiritualidade. O terceiro obstáculo impede o desenvolvimento do *pathos*, tornando impossível a construção de uma ética que esteja em harmonia com a espiritualidade. Quando a convivialidade marginaliza o coração, ela compromete as capacidades essenciais de empatia e o cuidado imprescindível para a convivência humana (Boff, 2012).

¹ Carta da UNESCO: Ato Constitutivo da UNESCO, documento fundacional da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), criado em 1945.

O quarto desafio refere-se ao individualismo cultural, que não se limita à esfera pessoal, mas se reflete nas dinâmicas sociais, dificultando o fortalecimento de relações baseadas no cuidado e na solidariedade. Já o quinto obstáculo está na lógica da competição e da concorrência, características centrais da economia de mercado, que favorecem apenas os mais fortes em detrimento dos demais. Por fim, o sexto desafio está relacionado ao consumismo excessivo, que leva ao uso descontrolado dos recursos naturais, ultrapassando as necessidades reais da população e comprometendo a capacidade do planeta de se regenerar (Boff, 2012c).

Identificar os desafios a serem superados é apenas o ponto de partida para um processo verdadeiramente educativo e humanizador. Segundo Boff (2012c), para que a vida prevaleça sobre a morte, é necessário adotar e praticar princípios fundamentais que orientam uma educação integral. O primeiro deles é o desenvolvimento de uma sensibilidade holística, que reconhece a interconexão entre os seres e o universo, compreendendo que cada indivíduo é, simultaneamente, parte e expressão do todo. Essa percepção fortalece a consciência de pertencimento e de participação em um processo coletivo de construção da existência.

Em seguida, destaca-se a centralidade do cuidado, fundamentado na compaixão, na empatia e no amor, elementos essenciais para a promoção de relações mais solidárias. Além disso, a responsabilidade universal emerge como um princípio ético estruturante, refletido na máxima de que toda ação deve ser conduzida de modo a favorecer a preservação e o desenvolvimento da vida (Boff, 2012c). No mesmo sentido, a cooperação e a solidariedade devem sobrepor-se às lógicas de exploração, competição e individualismo, assegurando que a convivência humana se estabeleça a partir de vínculos genuínos de colaboração.

Outro aspecto essencial reside na valorização da espiritualidade, que, embora não se confunda com sistemas religiosos específicos, constitui uma dimensão intrínseca ao ser humano. Essa espiritualidade se manifesta quando o indivíduo reflete sobre sua origem, seu destino e o sentido de sua existência, percebendo a presença de uma força unificadora que sustenta a harmonia do cosmos. Expressa-se, ainda, por meio do amor, do cuidado, da aceitação do outro, da resiliência e da esperança (Boff, 2009a).

Nesse contexto, a educação se revela como um instrumento que integra todas as dimensões da experiência humana, favorecendo a percepção de que estamos inseridos em uma comunidade cósmica² e em um processo contínuo de inter-relação com a Terra e com o universo. Essa visão encontra respaldo na ecologia integral, que propõe uma abordagem

² Comunidade cósmica: concepção segundo a qual todos os seres animados ou não, tais como, humanos, animais, vegetais, minerais, astros e energias formam uma única e interdependente comunidade de vida. Nessa comunidade, tudo está interligado, e nenhum ser existe isoladamente ou de forma autônoma absoluta.

holística e sistêmica da realidade. Tal perspectiva compreende que a totalidade se constitui pela interdependência de suas partes, conceito sintetizado pelo poeta Gregório de Matos: "o todo sem a parte não é todo; a parte sem o todo não é parte; mas se a parte o faz todo, sendo parte, não se diga que é parte sendo o todo" (Boff, 2009a, p. 120).

3.2.3 Filosofia, educação e cuidado

O estudo do ser humano revela uma dimensão intrínseca à sua condição, que, independentemente de como se manifeste, estabelece um percurso de integralidade. No pensamento de Leonardo Boff, essa integralidade é vista como um componente essencial do desenvolvimento humano, revelando-se como uma dimensão pedagógica que se nutre de bases filosóficas sólidas. A filosofia, nesse contexto, não é entendida apenas como um campo abstrato do saber, mas como um modo de refletir criticamente sobre a existência, o sentido da vida, o cuidado e a relação entre os seres. A fundamentação teórica de Boff se ancora em uma concepção ampliada da formação, considerando a integralidade como um elemento crucial no processo educativo, o que vai além da dimensão acadêmica e abre espaço para uma práxis pedagógica e filosófica fundamentada no cuidado e na humanização (Boff, 1998).

No campo educacional, discutir os sonhos significa refletir filosoficamente sobre os participantes desse processo e sua contribuição ativa para a construção coletiva de novos horizontes. São esses indivíduos que, por meio de gestos simples, propõem novas formas de pensar e agir. Eles se alinham a valores, práticas e objetivos comuns, cultivando uma consciência crítica e criando novas perspectivas sobre o mundo. Assim, iniciam a construção de ideias inovadoras que impactam a forma como vivem, projetam o futuro e interpretam sua existência (Boff, 2021). Essa atitude de questionamento e busca por sentido remete a uma postura filosófica que atravessa toda a ação educativa.

A proposta de Boff enfatiza a importância de refletir sobre as esperanças e os sonhos que envolvem as vidas de crianças e jovens, analisando as representações e valores gerados pela educação, a forma como o cuidado com os seres vivos é exercido e as atitudes de solidariedade e compaixão que surgem a partir desse processo. Esses temas se entrelaçam com questões fundamentais da filosofia, como a ética do cuidado, o valor da vida e a construção do bem comum. Além disso, questiona-se de que maneira ações que promovem a criatividade, a generosidade e o senso de união entre culturas distintas podem ser estimuladas (Boff, 2021), o que exige uma atitude filosófica voltada à alteridade, à escuta e à convivência com a diferença.

A missão da educação, nesse sentido, é despertar nos indivíduos o compromisso com a vida e fortalecer a consciência da interdependência entre todos os seres. O processo educativo voltado para o cuidado promove escolhas, valores e o sentido atribuído à própria existência, elementos centrais da reflexão filosófica sobre o ser. Na sociedade atual, esse cuidado tem se manifestado em diversas áreas, como ciência, economia e educação, mostrando que sua compreensão não se limita a um único campo de saber. Essa expansão do cuidado está ligada ao cenário de crises globais que ameaçam a vida humana e o futuro do planeta. Nesse contexto, as pessoas buscam respostas que tragam de volta o significado da esperança e da transformação (Boff, 2001a), em um esforço que se articula com a filosofia como busca permanente de sentido.

Dessa forma, o cuidado torna-se um elemento essencial para a renovação do pensamento e para a construção de um sentido de vida mais amplo. Ele impulsiona o ser humano a transcender suas limitações, promovendo a busca por uma vida mais plena e conectada ao outro e ao meio ambiente. Em última instância, a verdadeira realização humana ocorre quando o indivíduo reconhece ser parte de um projeto coletivo em constante construção e transformação (Boff, 2001a), o que dialoga com o ideal filosófico de uma existência ética e comprometida com o bem comum.

Essa reflexão é um ponto de partida para a proposta de integralidade pedagógica, que visa levar tanto educadores quanto educandos a se engajarem na criação de uma transformação interior. O objetivo da formação integral do ser humano envolve percursos que dependem da disposição de todos para adotar uma nova consciência e ajudar a construir uma nova humanidade. Boff traça um percurso seguro para a educação, capaz de gerar mudanças profundas e estabelecer os princípios de uma pedagogia transformadora e humanizadora (Boff, 2001a). Trata-se, aqui, de uma filosofia da educação que compreende o ser humano em sua totalidade e propõe uma práxis inspirada nos valores do cuidado, da solidariedade e da justiça.

O cuidado reflete a excelência humana quando direcionado à profundidade do ser. Para explorar o aspecto antropológico do cuidado, Boff destaca a importância de provocar uma transformação interior no ser humano. Acrescenta, ainda, que o cuidado tem sido reconhecido como uma dimensão profunda do ser humano, fundamental para o pleno desenvolvimento da individuação e como um espaço de paz no meio de conflitos e crises sociais e existenciais (Boff, 2001a). Essa concepção remete à tradição filosófica que valoriza o autoconhecimento e a interioridade como caminhos para a sabedoria, desde os ensinamentos socráticos até os pensadores contemporâneos do cuidado.

A educação parte do princípio de que a transformação pedagógica inicia com uma mudança interior. Contudo, não se trata de uma mudança de superação, mas de um movimento que visa uma educação tanto causadora quanto causada, refletindo uma orientação para os princípios do bem viver. Trata-se de uma educação que propõe um redirecionamento das mentes e corações para uma nova mentalidade de unidade e realização (Boff, 2021). Nessa perspectiva, a filosofia cumpre o papel de iluminar os caminhos da educação, favorecendo o pensamento crítico, o diálogo e a construção coletiva de sentidos.

Na abordagem pedagógica, o processo de transformação da mente e do coração é contínuo. O educador transforma o processo pedagógico em um processo educativo ao orientar o educando para uma experiência de formação integral, na qual ambos estão imersos. O educando, por sua vez, se orienta pelo caminho proposto, mas não de forma absoluta, pois sua autonomia eventualmente o conduz a novas possibilidades de realização. Essa autonomia do sujeito educacional é também um princípio filosófico fundamental, pois remete à liberdade e à capacidade humana de pensar por si mesmo.

O pensamento pedagógico de Leonardo Boff apresenta elementos que transformam a integralidade de uma simples combinação de partes em uma relação profunda entre o ser humano e o mundo. Nesse contexto, o cuidado torna-se o motor que impulsiona a experiência de integração. A verdadeira transformação interior ocorre quando há um compromisso com a realidade que se vive e, a partir dessa realidade, buscamos atitudes existenciais mais profundas (Boff, 2009). Essa busca está diretamente associada à vocação filosófica de questionar a realidade e buscar a verdade, não como uma certeza absoluta, mas como um horizonte em constante construção.

Boff ilustra o conceito de superação de limites com o exemplo da narrativa da águia e da galinha, contada pelo educador africano James Aggrey e destacada em sua obra *A Águia e a Galinha* (Boff, 2014). Em sua obra, Boff nos apresenta, como primeiro ponto a ser considerado em uma abordagem educativa, o cuidado de si, ancorado nas atitudes que simbolizam o desejo humano de aprimoramento e plenitude, um desejo que nasce da abertura ao infinito, tão cara à tradição filosófica existencial. Para Boff, o ser humano possui um anseio profundo pela totalidade, uma busca pelo infinito, que é o desejo de explorar o próprio ser, de se alinhar com o todo e de sentir-se chamado à plenitude.

Com base nesse desejo de abertura ao infinito, Boff elenca três atitudes fundamentais do ser humano (Boff, 2009). A primeira atitude é a de quem recusa o objeto de desejo, reconhecendo que o ser humano se manifesta no mundo como uma abertura à totalidade.

Essa concepção está em sintonia com correntes filosóficas que veem o ser como potência em constante devir. A segunda atitude revela a tensão entre o desejo de sentido e o medo de sua concretização, uma tensão profundamente discutida por pensadores como Kierkegaard e Sartre. Já a terceira atitude, a mais ousada, é característica daqueles que têm a coragem de nomear seu objeto de desejo e buscar um sentido existencial para ele, afirmando-se como sujeitos filosóficos ativos.

O segundo ponto proposto por Boff destaca a ideia de que a educação tem como objetivo central promover a liberdade, descrita como uma “descoberta” e uma “conquista”. Essa liberdade não é apenas um direito político ou social, mas uma categoria existencial e filosófica, que remete à autonomia, à responsabilidade e à capacidade de projetar-se no mundo com sentido. A presença de figuras exemplares no cotidiano: pais, mães, professores, profissionais é essencial para inspirar essa caminhada, pois são essas figuras que, em sua prática, expressam uma filosofia de vida e de educação voltada à humanização.

A educação necessita de mestres que nos conduzam a olhar para o alto e a escutar nossa natureza essencial. Esses mestres nos encantam com aquilo que há de mais verdadeiro em nós: a nossa liberdade. Esta, enquanto categoria filosófica e pedagógica, é o que nos permite moldar a vida e transformar nosso destino, abrindo espaço para uma vivência ética, crítica e comprometida com o bem viver (Boff, 2014).

Por fim, esses educadores também nos ensinam a fundamental atitude de cuidado com a integralidade do ser humano, promovendo um cuidado que envolve todas as dimensões do ser. A grande meta da educação, à luz da filosofia de Boff, é o encontro com a nossa própria identidade, permitindo-nos descobrir quem realmente somos. Ao reencontrarmos o caminho da unidade e da comunhão, cuidamos da Terra como cuidamos de nós mesmos, reconhecendo no outro, ainda que diferente, uma expressão de nossa humanidade. Essa comunhão, que é profundamente educativa e filosófica, nos reconduz ao verdadeiro sentido de educar: mergulhar na vida, na consciência e na convivência, unificando liberdade e humanidade.

4 CONCLUSÃO

Ao longo desta monografia, exploramos as inter-relações entre os conceitos de cuidado e responsabilidade à luz de pensadores centrais como Leonardo Boff, Hans Jonas, Heidegger, e a abordagem educacional contemporânea. A reflexão ética e política proposta por Boff, centrada no cuidado e na responsabilidade, surge como uma resposta urgente aos desafios da modernidade, onde a consciência ecológica e a solidariedade social se tornam imperativas para a construção de uma sociedade mais justa e humana.

O cuidado, conforme delineado por Heidegger, está profundamente conectado à nossa existência e ao nosso ser-no-mundo, trazendo à tona a responsabilidade de cada indivíduo em relação aos outros e ao meio ambiente. A ética do cuidado, que se desdobra nas lições filosóficas de Hans Jonas, convida à responsabilidade intergeracional, enfatizando o impacto das ações humanas nas gerações futuras. A fábula de Hígino, analisada neste trabalho, simboliza o dilema ético que perpassa a condição humana, onde as escolhas individuais afetam o bem comum e a integridade do ambiente que compartilhamos.

No contexto educacional, o papel da educação se revela como fundamental para a concretização de uma ética do cuidado. A educação não é apenas um processo de transmissão de conhecimento, mas também um espaço de formação ética e política, onde os indivíduos são incentivados a cultivar atitudes responsáveis e conscientes, tanto no âmbito pessoal quanto coletivo. Nesse sentido, a educação desempenha uma função essencial ao promover o entendimento de que o cuidado é uma prática que se estende para além das relações intersubjetivas, incluindo a responsabilidade com o planeta e as futuras gerações.

Em conclusão, a ética do cuidado, ao ser integrada à filosofia e à educação, propõe um modelo de convivência pautado na solidariedade, na responsabilidade e na sensibilidade ética diante das necessidades do outro e do mundo. A reflexão sobre o cuidado e a responsabilidade, conforme discutido neste estudo, nos desafia a repensar as práticas educativas, políticas e sociais, na busca por uma sociedade mais humana, equitativa e ambientalmente sustentável. Dessa forma, as propostas de Boff e outros filósofos nos convidam a cultivar uma ética do cuidado como princípio estruturante da convivência e da ação política em tempos de crise e transformação global.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Ricardo Schinaider de; VOGT, Carlos. **Teologia da Libertação: uma teologia da periferia e dos excluídos**, 2013.

ALVES, Marcos Alexandre; MENTGES, Neimir Paulo. Ética, técnica e progresso científico: uma análise do princípio da responsabilidade em Hans Jonas. Griot: **Revista de Filosofia**, [S. l.], v. 15, n. 1, p. 111–127, 2017. DOI: 10.31977/griofi.v15i1.748.

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Antologia poética**. Rio de Janeiro: Recorde, 1ª Edição, 2022.

BOFF, Leonardo. **A águia e a galinha: uma metáfora da condição humana**. Vozes, Nobilis; 52ª Edição, 2014.

BOFF, Leonardo. **A opção Terra. A solução para a Terra não cai do céu**. Rio de Janeiro: Record, 1ª Edição, 2009a.

BOFF, Leonardo. **As Quatro Ecologias. Ambiental, Política e Social, Mental e Integral**. Rio de Janeiro: Mar de Ideias, 1ª Edição, 2012c.

BOFF, Leonardo. **Civilização planetária. Desafios à sociedade e ao Cristianismo**. Rio de Janeiro: Sextante, 2003c.

BOFF, Leonardo. **Cuidar da Terra, proteger a vida: como evitar o fim do mundo**. Rio de Janeiro: Record, 1ª Edição, 2010.

BOFF, Leonardo. **Cuidar, ser cuidado, mas quem cuida do cuidador?** 27 de agosto de 2024. Disponível em: <https://leonardoboff.org/2024/08/27/cuidar-ser-cuidadomas-quem-cuida-do-cuidador/>. Acesso em: 12 jan. 2025.

BOFF, Leonardo. **Ecologia. Grito da terra, grito dos pobres: dignidade e direitos da mãe terra**. Rio de Janeiro: Vozes, 1ª Edição, 2015.

BOFF, Leonardo. **Espiritualidade. Um caminho de Transformação**. Rio de Janeiro: Sextante, 2001a.

BOFF, Leonardo. **Ética e eco-espiritualidade**. Campinas: Verus, 1ª Edição, 2003a.

BOFF, Leonardo. **Experimentar Deus: a transparência de todas as coisas**. Petrópolis: Vozes, 2ª Edição, 2011b.

BOFF, Leonardo. **O Cuidado Necessário: na vida, na saúde, na educação, na ecologia, na ética e na espiritualidade**. Petrópolis: Vozes, 2ª Edição, 2013.

BOFF, Leonardo. **O despertar da águia: O dia-bólico e o sim-bólico na construção da realidade**. Vozes, Nobilis; 1ª Edição Especial, 2021.

BOFF, Leonardo. **Saber Cuidar: ética do humano - compaixão pela terra**. Petrópolis: Vozes, 20ª Edição, 2014.

BOFF, Leonardo. **Tempo de transcendência: o ser humano como um projeto infinito.** In: Tempo de transcendência: o ser humano como um projeto infinito. 2009. p. 85.

BRAGA, Tatiana Benevides Magalhães; FARINHA, Marciana Gonçalves. Heidegger: em busca de sentido para a existência humana. **Revista da Abordagem Gestáltica: Phenomenological Studies**, v. 23, n. 1, p. 65-73, 2017.

CASANOVA, Marco Antonio. **Compreender Heidegger.** 5ª Edição. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2015.

CASANOVA, Marco Antonio. **Eternidade frágil: ensaio de temporalidade na arte.** Rio de Janeiro: Via Verita, 2013.

DELEUZE, Gilles. **Foucault.** Trad. Claudia S. Martins. São Paulo: Brasiliense, 2005.

DELORS, Jacques *et al.* **Educação: um tesouro a descobrir, relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI (destaques).** 2014.

FONSÊCA, Flaviano Oliveira. **O pensamento (bio) ético de Hans Jonas: filosofia e civilização tecnológica.** 2014.

HEIDEGGER, Martin. **“Sobre a essência do fundamento”** In: Os pensadores, Martin Heidegger. Trad. Ernildo Stein. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo.** Editora Vozes. 10ª Edição, 2015.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo.** Trad. Marcia Sá Cavalcante. Vozes; 10ª Edição, 2015.

JONAS, Hans. **O princípio responsabilidade: ensaio de uma ética para a civilização tecnológica.** Digitaliza Conteúdo, 2006.

JONAS, Hans. **O princípio responsabilidade: ensaio de uma ética para a civilização tecnológica.** Contraponto, 1ª Edição, 2006.

MOREIRA (FAJE), José Carlos. A teoria da responsabilidade de Hans Jonas como resposta ética aos problemas levantados pela técnica moderna. **Intuitio**, [S. l.], v. 7, n. 2, p. 146–160, 2014. DOI: 10.15448/1983-4012.2014.2.18433.

OLIVEIRA, M. DE F. V. DE .; CARRARO, T. E.. Cuidado em Heidegger: uma possibilidade ontológica para a enfermagem. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 64, n. 2, p. 376–380, mar. 2011.

OLIVEIRA, Rita de Cássia Matiusso de. **Por uma tecnoética: Hans Jonas e o princípio responsabilidade.** 2018.

ROSA, João Guimarães. **Grande Sertão: Veredas.** 22ª Edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

WALDMAN, Ricardo Libel; MUNHOZ, Marcelo Giovanni Vargas; SAMPAIO, Vanessa Bueno. O princípio da precaução e o princípio de responsabilidade de Hans Jonas / The precautionary principle and Hans Jonas' responsibility principle. **Revista Quaestio Iuris**, [S. l.], v. 10, n. 1, p. 199–218, 2017. DOI: 10.12957/rqi.2017.23512.